



Panorama atual dos fatores de interferência na amamentação exclusiva

Current Panorama of Interfering Factors in Exclusive Breastfeeding

Panorama actual de factores que interfieren en la lactancia materna exclusiva

Leila Maués Oliveira Hanna¹, Ananda Carolina Reis Prestes¹, Leonardo Rodrigues Ferreira Diogo¹, Kallaiho Kevin Dantas Naimayer¹, Léo Vitor Araújo Martins¹, Tales Roberto Figueiredo Amorim Rodrigues¹.

RESUMO

Objetivo: Identificar os fatores de interferência na amamentação exclusiva e as medidas que possam amenizar a problemática no âmbito social e fisiológico, em uma escala de saúde pública. **Métodos:** Trata-se de uma revisão de literatura observacional, qualitativa e transversal. A pesquisa foi realizada nas bases PubMed e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), por meio dos descritores “breast feeding” e “prenatal education” e “milk, human”. A elegibilidade dos artigos corresponderá aqueles que façam parte da temática. Serão descartados estudos fora do período de 2019 a 2023, assim como revisões de literatura. **Resultados:** Foram selecionadas 11 publicações, as quais destacaram a ausência de informações no pré-natal, condições socioeconômicas, influência familiar, saúde mental e insegurança materna como os principais fatores que podem interferir no AME. **Considerações finais:** Portanto, a deficiência de orientações quanto ao AME, fatores psicológicos maternos, socioeconômicos e o uso de substâncias influenciam na diminuição do aleitamento materno, o que gera consequências para a mãe e para filho. Isso pode ser solucionado ao desmistificar crenças sobre a amamentação, apresentar informações positivas além de identificar os direitos e deveres maternos.

Palavras-chave: Aleitamento materno, Educação pré-natal, Leite humano.

ABSTRACT

Objective: To identify factors that interfere with exclusive breastfeeding and measures that can alleviate the problem in a social and physiological context, on a public health scale. **Methods:** This is an observational, qualitative and transversal literature review. The search was carried out in the PubMed and Virtual Health Library (VHL) databases, using the descriptors “breast feeding” and “prenatal education” and “milk, human”. The eligibility of articles will correspond to those that are part of the theme. Studies outside the period from 2019 to 2023, as well as literature reviews, will be discarded. **Results:** Eleven publications were selected, which highlighted the absence of information during prenatal care, socioeconomic conditions, family influence, mental health, and maternal insecurity as the main factors that can interfere with breastfeeding. **Final considerations:** Therefore, the lack of guidance regarding EBF, maternal psychological and socioeconomic factors and the use of substances influence the reduction in breastfeeding, which generates consequences for the mother and child. This can be resolved by demystifying beliefs about breastfeeding, presenting positive information in addition to identifying maternal rights and duties.

Keywords: Breastfeeding, Prenatal education, Human milk.

¹ Universidade do Estado do Pará (UEPA). Belém – PA.

RESUMEN

Objetivo: Identificar factores que interfieren con la lactancia materna exclusiva y medidas que puedan aliviar el problema en un contexto social y fisiológico, a escala de salud pública. **Métodos:** Se trata de una revisión observacional, cualitativa y transversal de la literatura. La búsqueda se realizó en las bases de datos PubMed y Biblioteca Virtual en Salud (BVS), utilizando los descriptores “breast Feeding” y “prenatal Education” y “milk, human”. La elegibilidad de artículos corresponderá a aquellos que formen parte del tema. Se descartarán estudios fuera del periodo 2019 a 2023, así como revisiones de literatura. **Resultados:** Se seleccionaron 11 publicaciones, las cuales destacaron la falta de información en el prenatal, las condiciones socioeconómicas, la influencia familiar, la salud mental y la inseguridad materna como los principales factores que pueden interferir en la lactancia materna exclusiva (LME). **Consideraciones finales:** Por lo tanto, la falta de orientación sobre la LME, los factores psicológicos y socioeconómicos maternos y el uso de sustancias influyen en la reducción de la lactancia materna, lo que genera consecuencias para la madre y el niño. Esto se puede resolver desmitificando creencias sobre la lactancia materna, presentando información positiva además de identificar los derechos y deberes maternos.

Palabras-clave: Lactancia materna, Educación prenatal, Leche humana.

INTRODUÇÃO

A amamentação constitui uma interação fundamental entre a relação mãe e filho, ao passo que influencia em vários aspectos da qualidade de vida dessa díade. Assim, é possível pontuar como alguns dos benefícios nesse processo, o fator de proteção contra o câncer de mama para a mulher e o desenvolvimento adequado de características importantes infantis, a exemplo da instalação correta da arcada dentária, além do estímulo ao posicionamento anatômico certo entre mandíbula e maxila (KHATIB MN, et al., 2023).

Dessa forma, o processo de amamentação deve ser estimulado e incentivado a iniciar de forma precoce, quando a amamentação ocorre até a primeira hora de vida do recém-nascido. Esse consumo prévio do leite materno, junto a sua continuidade, ajuda a prevenir a mortalidade neonatal e infantil, além de ter papel fundamental no vínculo social materno-infantil (DARBOE M, et al., 2023). Contudo, há fatores de interferência que colocam em risco o aleitamento materno exclusivo, tais como a condição social, o apoio familiar, a pressão da sociedade sobre a mãe e sobretudo a falta de orientação da prática, a qual deveria ser desempenhada pela equipe de saúde. Por consequência, a mulher se encontra em situação de vulnerabilidade e seu filho pode ser prejudicado de forma considerável no seu desenvolvimento. Um estudo realizado em 26 estados rurais pobres e 12 províncias centrais e ocidentais, revela o impacto direto na prática do AME, ao comprovar que somente 28,7% das crianças, nesses locais, são amamentadas de maneira exclusiva por 6 meses (HUANG P, et al., 2019).

Em 1991, foi lançada A Iniciativa Hospital Amigo da Criança (IHAC) nos países membros das Nações Unidas com o foco de prevenir o desmame hospitalar precoce. O documento consiste em 10 Passos para o Sucesso do Aleitamento Materno. Os benefícios da amamentação são inúmeros, para a mãe, há a prevenção do câncer de mama e de ovário e as doenças cardiovasculares, redução de risco de hemorragia pós-parto. Já para a criança, o aleitamento é uma grande contribuição para nutrição adequada, ideal redutor de morbimortalidade nos primeiros anos de vida, também, está relacionado a inteligência, pois estudos comprovaram que amamentar por 6 meses ou mais foi associado a melhor desempenho intelectual geral (LAMOUNIER JA, et al, 2019).

De maneira semelhante, pontua -se, ainda, que existem aspectos fisiológicos que podem comprometer o sucesso do AME pelo período recomendado. É notório, por exemplo, que a baixa secreção láctea assim como a mastite, inflamação aguda dos tecidos da mama, direcionam as mães a seguirem por outras formas de alimentação para o lactente, em razão da dificuldade e preocupação em fornecer o leite. Assim como a baixa produção de leite materno, a anquiloglossia é uma alteração patológica em recém-nascidos que pode influenciar de forma negativa no AME. A amamentação de

bebês com anquiloglossia muitas vezes é inadequada e traz desconforto e dor às mães, já que a “pega” não é feita de forma adequada, levando a pouco ganho de peso ou desmame precoce (SILVA DDL, et al., 2021).

O leite materno é a forma recomendada de nutrição enteral para bebês termos quanto para prematuros. Além dos macros e micronutrientes que são otimizados pela evolução para digestão e absorção pelos bebês humanos, o leite materno contém numerosos nutrientes de defesa, como imunoglobulina IgA, lactoferrina, citocinas, enzimas, fatores de crescimento, e leucócitos. Bebês prematuros ou com baixo peso ao nascer apresentam grande necessidade de receber esses fatores de proteção, logo que promove a adaptação fisiológica, neuroendocrinológica e metabólica pós-natal.

Atualmente há evidências de estudos observacionais que a alimentação com leite materno em vez de fórmula apresenta um risco reduzido de resultados adversos graves, incluindo enterocolite necrosante e infecção em bebês muito prematuros.

Estudos apresentam que a alimentação com fórmula estava associada a quase duplicação do risco de enterocolite necrosante grave. Também, a alimentação com fórmula pode atrasar a adaptação funcional do trato gastrointestinal e desorganizar os padrões de colonização da microbiota. Estudos apresentam a dismotilidade intestinal e a disbiose como fatores da exacerbação da intolerância alimentar e atrasar o estabelecimento da alimentação enteral independente da nutrição parenteral (BROWNM JVE, 2019).

Diante do exposto, o presente trabalho visa identificar os fatores de interferência na amamentação exclusiva e as medidas que possam amenizar a problemática no âmbito social e fisiológico, em uma escala de saúde pública.

MÉTODOS

O estudo trata-se de uma revisão integrativa. O intuito da pesquisa é compreender a relação entre o panorama atual de fatores que podem influenciar no aleitamento materno exclusivo. Assim, o presente estudo fundamenta-se na pergunta: “Existem fatores na atualidade que podem interferir na eficiência da prática da amamentação exclusiva?”.

Em razão do uso de dados secundários, não houve necessidade de submissão a um comitê de ética e pesquisa, visto que as informações coletadas, se necessário, já foram autorizadas em um momento anterior. As normas éticas exigidas em uma revisão integrativa da literatura, como citações e referências dos autores foram respeitadas, garantindo a autoria dos artigos pesquisados.

A confecção do estudo foi embasada nas seis etapas metodológicas, descritas na figura 1. Ademais, a seleção dos descritores ocorreu por meio dos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), os quais foram: “breast feeding” AND “prenatal education” AND “milk, human”, combinados com o operador booleano (AND). Em relação a busca e coleta de dados optou-se pelas bases de dados PubMed e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS).

Para a elegibilidade dos artigos foram selecionados aqueles que abordaram a temática central e a pergunta norteadora proposta pelo estudo, bem como textos disponíveis de forma gratuita e completa, nos idiomas inglês ou português.

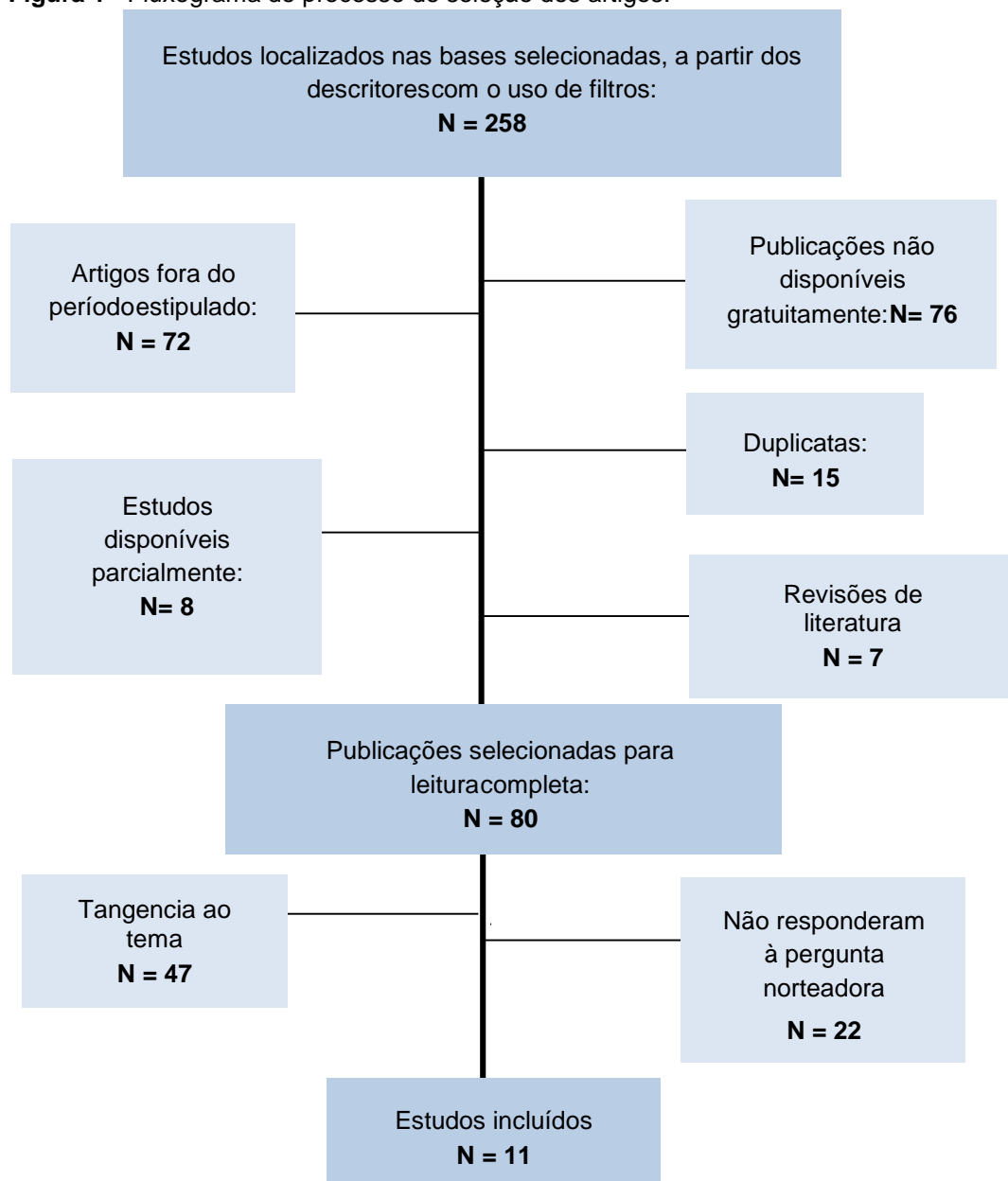
Como critérios de exclusão pontuam-se as duplicatas, estudos com a coleta de dados e/ou publicação fora do período de 2019 a 2023, a falta de pertinência ao objetivo do trabalho e revisões de literatura, nas suas diversas modalidades.

Após a primeira análise dos artigos, por título, resumo e metodologia, ocorreu a leitura completa, além de análise criteriosa dos textos, constituindo uma quantidade final, que foi sintetizada com base nos aspectos propostos por Souza, Silva e Carvalho (2010): procedência; autores, periódico e considerações/ temáticas, presente seção “Resultados”, por meio de um quadro sinóptico. A organização da disposição das informações ajudou no auxílio da discussão apresentada no trabalho.

RESULTADOS

A partir da busca por textos nas plataformas determinadas, com o uso dos descritores e aplicação dos filtros - que corresponderam aos critérios de inclusão - foram encontradas 10 publicações na PubMed e 248 na BVS, totalizando 258. No entanto, ainda sim, estiveram presentes 72 artigos publicados ou com coleta de dados retrospectiva a 2019, bem como 76 publicações não disponíveis de forma gratuita, 8 estudos incompletos, 15 duplicatas e 7 revisões de literatura, os quais foram descartados por se encaixarem nos critérios de não inclusão. Assim, foram selecionados 80 estudos para a leitura completa. Devido à tangencia ao tema e à fuga a pergunta norteadora foram excluídos 47 e 22 artigos, respectivamente. Dessa forma, ao final, 11 publicações estiveram presentes para a análise e construção dos resultados/discussão deste trabalho (**Figura 1**), os quais são compostos por quatro estudos transversais, dois prospectivos, dois intervencionais, um randomizado, um longitudinal e um pesquisa - participante (**Quadro 1**).

Figura 1 - Fluxograma do processo de seleção dos artigos.



Fonte: Hanna LMO, et al., 2024.

Quadro 1 – Artigos selecionados após leitura completa.

Base	Autores	Periódico	Considerações/Temáticas
BVS	Zorzanello BM e Dietrich MBM (2020).	VHL regional portal	Este estudo faz uma abordagem sobre o quantitativo de crianças incluídas nos diversos tipos de aleitamento materno, incluindo o exclusivo. Assim, na Estratégia de Saúde da Família estudada, observou-se que a amamentação tem sido feita na maioria dos casos, com apenas 9,1% das crianças sem aleitamento materno. Apesar disso, o AME representou apenas 38,6% dos casos. Outro fator considerado foi a orientação sobre AM, em que apenas 3% das mães referem não ter recebido.
BVS	Huang P, et al. (2019)	National library of medicine	Este estudo tem como intuito identificar se a educação pré-natal é eficaz no aumento das taxas do AME. Nesse sentido, as gestantes foram separadas em dois grupos, sendo que um recebeu orientações gerais sobre AME e o outro recebeu orientações individualizadas sobre o AME. Assim, observa-se que o grupo que recebeu intervenção individualizada apresentou melhores taxas de implementação do AME.
BVS	Jebena DD e Tenagashaw MW (2022)	Public library of science	Indica que no distrito estudado apenas um terço das mulheres obtiveram informações sobre aleitamento de um profissional de saúde. Muitas afirmaram não ter conhecimento sobre a técnica de amamentação, assim como sobre se apenas o consumo de leite materno é nutritivo ao bebê. Assim, percebe-se que o quantitativo de AME diminuiu significativamente com o aumento da idade da criança. 94% em menores de 2 meses e 49% em bebês com 5 meses de vida.
BVS	Ukoli F, et al. (2023)	International journal of environmental research and public health	Evidencia que a pandemia da COVID-19 contribuiu mais ainda para a redução das taxas de amamentação, pela falta de informação fornecidas às mães que interromperam o acompanhamento pré-natal. As dúvidas baseiam-se principalmente em torno da técnica e dos cuidados sobre o aleitamento. Faz comparação entre os períodos anterior, durante e posterior à pandemia.
BVS	Wu SV, et al. (2020)	International journal of environmental research and public health	O texto retrata fatores que podem influenciar na amamentação pós-parto. Sendo assim, destaca a falta de conhecimento e a baixa eficácia do AME, relacionados com a renda, educação, quantidade de filhos. Chama atenção, ainda, para a atuação profissional deficitária na transmissão de orientações.
BVS	Bezerra AEM, et al. (2020)	Revista brasileira de enfermagem	Este artigo indica que as orientações dadas às mulheres durante o pré-natal são essenciais para uma gravidez saudável, assim como para a manutenção do aleitamento materno. No entanto, apontou para a necessidade de que essa orientação seja pautada pelas vivências, valores, desejos, medos, expectativas, principalmente, pela rede de apoio familiar da mulher.
BVS	Shay M, et al. (2020)	Canadian journal of public health	Este estudo correlaciona menores taxas de AME associadas ao sofrimento psicológico materno, incluindo ansiedade e depressão. Nesse sentido, seguindo uma análise de regressão hierárquica, observou-se que a ansiedade e a depressão estão associadas a menores tempos de amamentação, cerca de 5,0 semanas a menos que mulheres sem sofrimento psicológico.
BVS	Godleski AS, et al. (2020)	Breastfeed medicine	Este estudo examinou a relação entre tabagismo e redução da amamentação no contexto de riscos comórbidos. No entanto, destaca que fatores como idade materna, educação e reatividade infantil ainda são mais significantes na continuidade do AME.

BVS	Marques BL, et al. (2021)	Revista de enfermagem	O estudo revela que a assistência compartilhada entre médico e enfermeiro no pré-natal garante uma melhor eficiência na transmissão do cuidado e das informações às futuras mães. No entanto, o aleitamento materno ainda não é um dos focos das discussões, sendo priorizados assuntos acerca de sinais de risco na gestação, consequências da automedicação e o perigo do tabagismo na gravidez.
BVS	Madrugá TFL, et al. (2020)	Distúrbios da comunicação	A pesquisa realizada com o público-alvo do artigo evidencia que as práticas adotadas para o conhecimento das mães acerca do aleitamento ainda não possuem êxito e ocorrem, predominantemente, no período pós-natal imediato. Também foi notório que o aumento da idade da criança foi proporcional ao abandono da amamentação e inserção de chupetas e mamadeiras.
BVS	Dauphyn C, et al. (2020)	Journal of medical internet research	O artigo retrata a relação entre a amamentação e a questão étnica nos EUA. Foi verificado que mulheres afrodescendentes possuem maiores índices de câncer de mama e que aquelas que, principalmente, não realizaram o aleitamento materno são ainda mais atingidas pela neoplasia. Com o intuito de amenizar a problemática, o estudo analisa o uso das mídias sociais para garantir um maior conhecimento a essas mulheres e, conseqüentemente, uma maior eficácia, especialmente, ao AME.

Fonte: Hanna LMO, et al., 2024.

DISCUSSÃO

De acordo com os estudos analisados, os principais motivos que levam à interrupção ou a não realização do aleitamento materno exclusivo (AME) nos dias atuais correspondem à ausência ou à precariedade de orientações acerca dessa temática, bem como questões socioeconômicas, que perpassam a renda e o nível educacional materno. A saúde mental da mãe no pós-parto e o uso de substâncias, a exemplo do cigarro também constituem esses fatores de destaque.

Em consonância, o direcionamento informacional a respeito do AME possibilita uma melhor efetividade a essa prática. Segundo Zorzanello BM e Dietrich MBM (2020) as medidas educativas prestadas pela atenção básica de saúde, quando não restritas somente ao conhecimento teórico e técnico, mas contextualizado à realidade das mulheres grávidas e puérperas, promovem uma continuidade superior do aleitamento materno infantil.

Essas abordagens didáticas, pautadas, principalmente, na reafirmação da autossuficiência materna para produção de leite e na importância da rede de apoio favorece uma duração do AME até quatro vezes superior, em comparação àquelas mulheres que não obtiveram nenhuma medida informacional (JAVORSKI M, et al., 2020).

É fundamental pontuar que as práticas pedagógicas no pré-natal devem funcionar a partir de diálogos entre a equipe de saúde e as mães, o que facilita a produção do cuidado e o acolhimento das demandas dessas mulheres. Assim, esse público consegue desenvolver suas habilidades e segurança no momento tão essencial de suas vidas - o da amamentação (BEZERRA AEM, et al., 2020).

Os parentes mais próximos, geralmente, o pai e as avós, também devem receber orientações direcionadas de participação ativa nessa fase da vida da mãe e do bebê, haja vista que o apoio da família colabora com a satisfação e confiança materna, por ter uma rede de apoio ampla e bem estabelecida, o que permite, conseqüentemente, a manutenção do AME por um período mais duradouro. Desse modo, a educação pré-natal sobre amamentação ou o apoio à lactação pós-natal já apresentam melhora significativa, à vista de que realizado de forma individualizada foi mais eficaz quando utilizado em conjunto com educação e apoio pré-natal e pós-natal. Medidas, como criação de um ambiente propício para o início da amamentação, aconselhamento em dieta materna, acompanhamento por telefone no

pós-parto contribuem para aleitamento materno (HUANG P, et al., 2019). No entanto, de acordo com Marques BL, et al (2021) apenas 36% das mulheres analisadas em seu estudo obtiveram orientação acerca do processo de amamentação adequado em suas consultas. Essa grave falha no cuidado e acompanhamento contínuo contribui para as dificuldades enfrentadas pelo público lactante, sobretudo nas primeiras semanas após o parto, o que gera complicações e, por conseguinte a interrupção da amamentação.

Também se verificou que realizar o acompanhamento com o médico e o enfermeiro e outros profissionais da saúde, aumenta as chances de realizar o AME de forma adequada, em comparação com o acompanhamento realizado com um único com apenas um profissional. Na Atenção Primária no acompanhamento do pré-natal, vale lembrar o quão vantajoso é as orientações do AME até no âmbito financeiro, pois não implicam custos adicionais para o SUS, mas há uma grande responsabilidade dos profissionais, a visa de que os ambientes de saúde devem sempre cumprir sua função de educador e promotor da saúde.

De maneira semelhante, o estudo de Pizzatto P, et al. (2020) evidencia que grande parcela das mães se apresenta com dúvidas a respeito do AME, no que tange ao tempo, técnicas, interrupções necessárias, dentre outros fatores de possíveis impactos. Há ainda uma concepção bastante difundida em sociedade que, conforme o avanço da idade do lactente, o leite materno não seria suficientemente sozinho capaz de nutrir a criança, o que ocasionaria prejuízos ao seu crescimento e desenvolvimento. Esse pensamento coopera para uma diminuição proporcional do aleitamento exclusivo, ao passo que, na maioria das vezes, ocorre a inserção de outros alimentos na dieta infantil e o desmame precoce, configurando uma ação prejudicial. Em países em desenvolvimento o registro de queda é de cerca de 33% à medida que o infante envelhece cronologicamente (JEBENA DD e TENAGASHA WMW, 2022).

O cenário pandêmico da COVID- 19 agravou ainda mais a desinformação acerca da adequada prática de amamentação. O estudo de Ukoli F, et al. (2023) corrobora com essa situação ao evidenciar que 70% das lactantes não receberam nenhuma orientação a respeito das diretrizes sobre o aleitamento seguro diante da COVID-19; somente 15% conseguiram por intermédio de um profissional de saúde. Assim, é notório que houve uma diminuição do contato entre a população e as unidades básicas durante esse período. As informações na maioria das vezes foram da mídia, de amigos e de familiares. O cenário pandêmico apresentou malefícios em todo o seu percurso, a vista de que seu início e fim não alteraram o padrão de frequência das fontes de informação entre as mães atendidas e suas especificidades.

A renda mensal das famílias esteve associada de forma estatisticamente significativa à prática do AME na Etiópia. Um rendimento médio mensal ≤ 1000 Birrs Etíopes tinha duas vezes mais probabilidades de amamentar exclusivamente do que aquelas cujo rendimento era > 100 Birr Etíope. Entretanto, há resultados contraditórios em outros estudos, pois quando a mãe apresentava uma renda alta, a taxa de AME diminuía o que apresentou nesse caso que a melhoria do status socioeconômico, de modo individual e social, foi considerada um fator negativo para o AME, pois, mulheres com maior classe social tem menor probabilidade de permanecerem em seus domicílios durante todo o dia, o que poderia comprometer a prática do AME. Outra razão poderia trazer a possibilidade dessa influência que é somente as famílias com renda alta que apresentam condições de custear da fórmula infantil e do leite de vaca (JEBENA DD e TENAGASHA WMW, 2022).

Em relação aos fatores econômicos, segundo Madruga TFL, et al. (2020), a renda constitui um impacto relevante na duração do AME, visto que lactantes com maiores recursos financeiros, individual ou familiar, obtêm com maior facilidade atendimento de boa qualificação e multiprofissional, composto por enfermeiros, ginecologistas, pediatras, entre outros, a partir da necessidade de suas demandas e da criança. Quanto maior o grau de escolaridade das mães, maior é o sucesso da amamentação exclusiva, visto que, na maioria das vezes, possuem mais instruções. Além disso, foi verificado que a mãe com idade mais avançada apresenta relação com o maior tempo da amamentação, pois, acredita-se que o maior conhecimento e experiência acumulados contribuem com o cuidado adequado. Outra vertente a ser considerada como possível interferência no sucesso do AME é a saúde mental materna, a qual é

interessante a ser destacada ao apresentar divergências entre os estudos dos autores, ao passo que a questão psicológica é ampla e pode ser desencadeada por diversos motivos. Para Wu SV, et al. (2020) a ansiedade, o estresse mental, e a depressão constituem enfermidades que, no contexto da maternidade, podem atrapalhar o AME. Em conformidade, o artigo de Shay M, et al. (2020) apresenta uma associação entre introdução alimentar precoce, a exemplo de alimentos sólidos e sucos, realizada por mães com sofrimento psicológico e desmame.

Mulheres com baixa autoconfiança possuem três vezes mais chances de descontinuar a amamentação exclusiva antes do tempo indicado, apoiando a ideia do impacto de patologias psicossomáticas na prática do AME (VIEIRA ES, et al., 2018). Contudo, a pesquisa de Fukui N, et al. (2021) revela que o aleitamento materno exclusivo não está associado ao vínculo materno-fetal no pós-parto precoce. Nesse sentido, é sugerido que a depressão materna não tem efeitos significativos sobre os métodos de amamentação e nem o contrário seria uma premissa verdadeira. Cabe esclarecer que o estudo possui seu foco no primeiro mês pós-parto, o que não garante uma análise de maior profundidade que compreenda os 6 meses preconizados do AME.

Acrescenta-se, ainda, ao panorama discutido, o uso de substâncias pela mãe, como o tabaco e sua relação com o processo da lactação. Existe uma dose-resposta ao utilizar esse elemento, isto é, quanto mais elevado o número de cigarros fumados por dia, maior é a redução da amamentação. Além disso, o estudo retrata uma prevalência de psicopatologias em mulheres fumantes. Desse modo, o tabagismo, associado à psicose, propicia a redução do apego materno/fetal, o que contribui com a redução do AME (GODLESKI SA, et al., 2020). A exposição à fumaça ambiental do tabaco (FAT), conjuntamente, oferece riscos durante a gravidez e a infância, especialmente para o desenvolvimento de infecções do trato respiratório superior (IVAS). Cerca de 46,8% dos lactentes de mães que fumam apresentam IVAS no primeiro ano de vida (YANG JH, et al., 2021).

Por fim, para evidenciar que o aleitamento materno é benéfico não somente a criança, mas também a saúde da mãe, o estudo Dauphyn C, et al. (2020), revelou que nos Estados Unidos (EUA) as mulheres afrodescendentes possuem uma maior prevalência de câncer de mama, sobretudo aquelas que não realizaram a prática da lactação. Assim, há uma relação direta entre o aleitamento materno e a redução do risco da neoplasia, o que pode ser ratificado pela pesquisa de Dazhi F, et al. (2023), a qual demonstrou que a amamentação pode reduzir o risco de desenvolver o câncer de mama e de ovário nas mulheres, bem como a leucemia infantil nas crianças. Logo, o processo de aleitamento garante vantagens nutricionais, imunológicas e emocionais entre mãe e filho, além da prevenção contra doenças, a exemplo dos diversos tipos de neoplasias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas evidências apresentadas nesta pesquisa, sugere-se que a deficiência de orientações quanto ao AME, fatores psicológicos maternos, sociais, econômicos e o uso de substâncias influenciam na diminuição e descontinuação da amamentação exclusiva, o que pode gerar consequências tanto para a mãe quanto para o seu filho. Uma orientação adequada, pautada nas particularidades da lactante, é imprescindível para manutenção do AME, impactando diretamente em sua psique e satisfação. Uma rede de apoio bem estruturada e com uma equipe multiprofissional é fundamental, a fim de fornecer o auxílio necessário à família e suprir as demandas maternas.

REFERÊNCIAS

1. AGYEKUM MW, et al. Enablers and inhibitors of exclusive breastfeeding: perspectives from mothers and health workers in Accra, Ghana. *Int Breastfeed J*, 2022; 17.
2. AL-GHANNAMI S, et al. Exclusive Breastfeeding: Barrier analysis amongst Omani mothers. *Sultan Qaboos Univ med*, 2023; 23: 158 – 167.
3. BEZERRA AEM, et al. Breastfeeding: what do women who participate in a prenatal group think? *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2020; 73: 20180338.

4. BROWN JVE, et al. Formula versus maternal breast milk for feeding preterm or low birth weight infants. *Cochrane Database Syst Rev.*, 2019.
5. DARBOE, M., et al. Determinantes do início precoce da amamentação na Gâmbia: um estudo de base populacional usando os dados demográficos e de saúde de 2019–2020. *Int Amamentação J.* v. 18, n. 33, 2023
6. DAUPHIN, C et al. #BlackBreastsMatter: Process evaluation of recruitment and engagement of pregnant african american women for a social media intervention study to increase breastfeeding. *Journal of medical Internet research*, 2020; 22, (8): e16239.
7. DAZHI F, et al. Role of breastfeeding on maternal and childhood cancers: An umbrella review of meta-analyses. *Journal of global health*, 2023; 13.
8. FUKUI N, et al. Exclusive Breastfeeding Is Not Associated with Maternal-Infant Bonding in Early Postpartum, Considering Depression, Anxiety, and Parity. *Nutrients*, 2021; 13 (4).
9. GAO H, et al. Effects of prenatal professional breastfeeding education for the family. *Sci Rep*, 2022; 12.
10. GODLESKI SA, et al. Maternal smoking and psychosocial functioning: impact on subsequent breastfeeding practices. *Breastfeeding Medicine*, 2020; 15 (4): 246-253.
11. HUANG P, et al. Individualized intervention to improve rates of exclusive breastfeeding: A randomised controlled trial. *Medicine*, 2019; 98.
12. JAVORSKI M, et al. Efeitos de uma tecnologia educativa na autoeficácia para amamentar e na prática do aleitamento materno exclusivo. *Rev Esc Enferm USP*, 2018; 52.
13. JEBENA DD e TENAGASHAW MW. Breastfeeding practice and factors associated with exclusive breastfeeding among mothers in Horro District, Ethiopia: A community-based cross-sectional study. *Plos one*, 2022; 17(4): e0267269.
14. KHATIB M, et al. Interventions for promoting and optimizing breastfeeding practices: An overview of systematic review. *Frontiers in public health*, 2023; 11.
15. LAMOUNIER JA, et al. Baby Friendly Hospital initiative: 25 years of experience in Brazil. *Rev Paul Pediatr.* 2019; 37(4): 486-493.
16. MADRUGA TFL et al. Caracterização das orientações sobre aleitamento materno recebidas por gestantes e puérperas na cidade de Belo Horizonte. *Distúrbios da Comunicação*, 2020.
17. MARQUES BL et al. Orientações às gestantes no pré-natal: a importância do cuidado compartilhado na atenção primária em saúde. *Escola Anna Nery*, 2020; 25: e20200098.
18. PIZZATTO P, et al. Conhecimento materno sobre alimentação infantil em São Luís, Maranhão, Brasil. *Rev. Bras. Saúde Mater. Infant.*, 2020; 20 (1): 181-191.
19. SHAY M, et al. Maternal psychological distress and child weight at 24 months: investigating indirect effects through breastfeeding in the All Our Families cohort. *Canadian Journal of Public Health*, 2020; 111: 543-554.
20. SILVA DDL, et al. Principais dificuldades vivenciadas por primíparas no cuidado ao recém-nascido. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 2021; 13(2): e5489.
21. TAVEIRO EAN, et al. Adesão ao Aleitamento Materno Exclusivo em Bebês de 0 a 6 Meses Nascidos em um Hospital e Maternidade do Município de São Paulo. *Revista Brasileira de Ciências da Saúde*, 2020; 24(1): 71 - 82.
22. UKOLI F, et al. Encouraging and reinforcing safe breastfeeding practices during the COVID-19 pandemic. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 2023; 20(3): 1756, 2023.
23. VIEIRA ES, et al. Breastfeeding self-efficacy and postpartum depression: a cohort study. *Revista latino-americana de enfermagem*, 2018; 26.
24. WANBACH K, et al. Um estudo descritivo das atitudes, percebi e experiências da doação de leite humano. *Adv Neonatal Care*, 2019; 19 (6): 441-451.
25. WU SV, et al. Knowledge, intention, and self-efficacy associated with breastfeeding: Impact of these factors on breastfeeding during postpartum hospital stays in taiwanese women. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 2021; 18 (9): 5009.
26. YANG JH, et al. Association between prenatal exposure to indoor air pollution and autistic-like behaviors among preschool children. *Indoor Air*, 2021; 32.
27. ZORZANELLO BM e DIETRICH MBM. Práticas alimentares e aleitamento materno em menores de 6 meses em uma estratégia de saúde da família do sul do Brasil. In: *Práticas alimentares e aleitamento materno em menores de 6 meses em uma estratégia de saúde da família do sul do Brasil*, 2020; 16-16.